

Indefinições abalam imagem

Ivaldo Cavalcante 27/02/89

O Congresso que dá lugar hoje a outro com 63% de renovação provavelmente trabalhou mais do que todos os seus antecessores — só as horas registradas no período da Constituinte equivalem a um ano e 11 meses, com carga diária de 4 horas, ininterruptas — mas acabou se enredando nas suas próprias indefinições. Como o que assume, ele era parlamentarista, defendia quatro anos de mandato para o então presidente José Sarney e durante anos prometeu acabar com os desmandos do Executivo centralista. E esta promessa tinha um alvo: acabar com os decretos-leis, pelos quais o presidente Sarney governava o País. Acabou mesmo. Mas no seu lugar instalou as medidas provisórias, que anietou os parlamentares.

O Palácio do Planalto, do governo Sarney ao governo Fernando Collor, já entupiu o Legislativo com 293 MPs. Chegou a convocar extraordinariamente deputados e senadores apenas para poder reeditar uma delas. O Congresso não faz mais do que apreciar a sua criação nas várias e repetidas formas apresentadas pelo Executivo.

Passados os quatro anos, o regime é presidencialista e, como diz o deputado Ulysses Guimarães, o presidente da República legisla mais do que qualquer deputado ou senador. O ex-presidente José Sarney governou por cinco anos, volta com outro mandato de oito anos no Senado e os trabalhos parlamentares se esvaziaram.

Progressismo

O Congresso eleito em 1986, identificado como conservador, até que deu alguns passos na linha progressista, principalmente na elaboração dos capítulos da legislação trabalhista e da previdência



Paes, "Imperador Mombaça"

privada, como a redução da jornada de trabalho, remuneração de 1/3 nas férias proporcionais, 50% a mais nas horas extras, benefícios da previdência, avanço nos direitos individuais e coletivos, entre outras conquistas.

O antigo congresso foi pródigo também em lançar lideranças insuspeitas. Atingiu o ápice ao eleger o deputado Paes de Andrade para a presidência da Câmara que ficaria conhecido dias depois como o "imperador de Mombaça". Algumas hoje no ostracismo, como o próprio Paes, o relator da Constituinte e ministro de primeira hora do governo Collor, Bernardo Cabral, ou ainda o peemedebista e depois, numa sequência rápida, cabo eleitoral, líder e inimigo número um do governo, Renan Calheiros.

Entre as lideranças novas destacaram-se políticos antigos, como os senadores Mário Covas, José Richa e Fernando Henrique Cardoso. Na Câmara foram ocupando espaços e se firmaram os deputados Nelson Jobim e Ibsen Pinheiro.